



MULHERES RURAIS NA PRODUÇÃO FAMILIAR ORGÂNICA *RURAL WOMEN IN ORGANIC FAMILY PRODUCTION*

Marília Mergulhão de Freitas¹, João Paulo Guimarães Soares², Ana Maria Resende Junqueira³,
Ermano Correa da Silva Junior⁴

¹Mestranda - Programa de Pós-Graduação em Agronegócios (PROPAGA), da Universidade de Brasília – UnB, ² Pesquisador da Embrapa Cerrados – Professor Colaborador do PROPAGA-UnB, ³Professora do PROPAGA-UnB, ⁴Pesquisador da Embrapa.

¹mariliamergulhao@gmail.com, ²jp.soares@embrapa.br, ³anamaria@unb.br,

⁴ermano.junior@embrapa.br

Grupo de Trabalho (GT 4): Questão Ambiental, Agroecologia e Sustentabilidade

Resumo

A agricultura familiar brasileira tem peso importante na estrutura agrária nacional, geração de empregos, ocupações, renda, produção de alimentos e mercado doméstico. O trabalho desempenhado ao longo da história, mais especificamente quando se fala de agricultura familiar e da produção de orgânicos, mostra o protagonismo das mulheres sem visibilidade no espaço rural. Objetivou-se nesse artigo apresentar um panorama atual das mulheres rurais na agricultura familiar com produção orgânica. Abordando as questões das desigualdades e potencialidades na perspectiva do gênero e sua influência nas atividades e no crescimento do setor agropecuário. Foi utilizada uma revisão sistemática da literatura como procedimento metodológico, abarcando 300 artigos no portal de busca Periódicos – Capes. Os resultados evidenciaram que as mulheres trabalham em jornadas exaustivas ao acumular os serviços domésticos e agrícolas. Não há reconhecimento e visibilidade pela sociedade. O trabalho feminino aparece principalmente como “apoio” ou “assistência”, mesmo quando trabalham tanto quanto ou executam as mesmas atividades dos homens. Para fortalecer a produção de orgânicos no país e combater a desigualdade de gênero, entende-se que deve haver por parte do Estado um reforço nas políticas públicas nesse tema para o setor.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Produção Orgânica. Agroecologia. Segurança Alimentar. Mulheres.

Abstract

Brazilian family farming has an important role in the national agrarian structure, contributing to the generation of jobs, occupations, income and food production for the domestic market. The work carried out throughout history, more specifically when talking about family farming and organic production, show the role of women without visibility in rural areas. The aim of this article is to present a current overview of rural women in family farming with organic production, addressing issues of inequalities and potentialities from a gender perspective and their influence on the activity and growth of the agricultural sector.



A systematic review of the literature was used as a methodological procedure, covering 300 articles in the search portal Periódicos – Capes. The results showed that women work exhausting hours when accumulating domestic and agricultural services. There is no recognition and visibility by society. Women's work appears mainly as “support” or “assistance”, even when they work as much or perform the same activities as men. In order to strengthen the production of organic products in the country and combat gender inequality, it is understood that the State must reinforce public policies in this area for the sector.

Keywords: *Family Farming. Organic Production. Agroecology. Food Security. Women.*

1. Introdução

O crescimento populacional, a grande preocupação mundial com a insegurança do alimento e seus aspectos nutricionais, o esgotamento dos recursos naturais, os problemas ambientais e seus impactos na mudança do clima, dentre outros levaram ao aumento da oferta de produtos orgânicos (BERNARDES-DE-SOUZA, 2017).

Para receber o selo de produto orgânico, o mesmo deve ser produzido, armazenado, beneficiado, processado e comercializado de acordo com normas específicas da Lei 10.831 (BRASIL, 2003), além de certificado por certificadora acreditada ou por organismo participativo credenciado segundo as normas da Portaria nº 52 do Ministério da Agricultura (BRASIL, 2021).

A demanda por produtos orgânicos, segundo a Federação Internacional de Movimentos de Agricultura Orgânica (FiBL/IFOAM), tem sido estimulada principalmente pelos Estados Unidos e por países europeus, a exemplo da Alemanha e França, bem como pela China (WILLER; TRÁVNICEK; SCHLATTER, 2021). Observa-se que desde o ano 2000, o crescimento médio anual das vendas no varejo de produtos orgânicos no mundo foi superior a 11%. No Brasil, o segmento de orgânicos movimentou 5,8 bilhões de reais no ano de 2020, valor 30% superior ao de 2019 (IPEA, 2020).

O potencial de crescimento da cadeia de alimentos orgânicos pode ser constatado pela demanda crescente, no consumo interno e externo, e pela credibilidade do processo de certificação (SOARES *et al.*, 2020). E na maior parte dos casos os alimentos orgânicos são comercializados pelas cadeias curtas que possibilitam maior apropriação do valor gerado pelo produtor e preço mais acessível aos consumidores (SOARES *et al.*, 2021).

As cadeias curtas que possibilitam a oferta de produto orgânico têm sua origem na agricultura familiar. O termo “agricultura familiar” é utilizado no Brasil desde a década de 1980, substituindo os termos “campesinato” e “pequena produção” para denotar agricultura que faz parte do mercado e pode ocasionalmente usar trabalhadores assalariados (FAO/INCRA, 2000).

A produção orgânica tem se mostrado promissora na agricultura familiar e tem sido uma alternativa em relação à agricultura convencional, proporcionando sustentabilidade para as famílias no campo. Isso tem fortalecido a agricultura familiar e contribuído para a permanência das famílias no meio rural (SANTOS *et al.*, 2014). No entanto, ainda existem vários entraves que merecem atenção e que precisam ser superados, a assistência técnica e a dificuldade de acesso ao crédito, são alguns dos problemas relatados (SOARES *et al.*, 2021).



No Brasil, os estudos de gênero se iniciam por volta dos anos 1980, devido às grandes assimetrias vividas na sociedade entre homens e mulheres. A emergência dos estudos de gênero voltados ao meio rural veio da necessidade de obter formas mais consistentes de analisar os papéis sociais e as relações de poder específicas nesse meio (SILVA; BENITES, 2022).

As mulheres trabalham principalmente nas tarefas de limpeza da terra e colheita e aquelas relacionadas ao processamento da produção agrícola, como selecionar e embalar. Seu trabalho na produção para venda é considerado parte do esforço coletivo de todos os membros da família, mas geralmente são os homens que tem contato com extensionistas, bancos, sindicatos, cooperativas, empresas de venda de insumos e compradores. O resultado é que as mulheres raramente têm o conhecimento necessário para administrar o estabelecimento agropecuário e quando são viúvas geralmente dependem de um filho ou genro para assumir a gestão (BRUMER, 2008).

A partir de vários estudos sobre a divisão do trabalho por gênero na agricultura familiar no Brasil pode-se inferir que as mulheres ocupam uma posição subordinada e seu trabalho aparece principalmente como auxílio aos homens mesmo que o trabalho seja igual (BRUMER, 2008).

Essa dependência acaba por sabotar as oportunidades que as mulheres têm de se tornarem protagonistas e donas de fato de suas produções agrícolas, ficando sempre a sombra do trabalho masculino, mesmo sendo elas as que encaram jornadas duplas dentro e fora da propriedade rural.

O objetivo deste artigo é apresentar o panorama atual das mulheres rurais na agricultura familiar com produção orgânica, a partir de uma revisão sistemática de literatura, abordando as questões das desigualdades e potencialidades na perspectiva do gênero e sua influência nas atividades e no crescimento desse setor agropecuário.

2. Referencial Teórico

2.1 Origens do uso da terra no Brasil e o papel feminino

O Brasil é um país de histórico feudal, onde as capitânicas hereditárias foram o primeiro sistema utilizado pelos portugueses para criar uma divisão administrativa e territorial, como mecanismo de colonização. As faixas de terra destinadas às tradicionais famílias eram escolhidas pela coroa portuguesa (CINTRA, 2013). Como o nome autoexplicativo deixa claro, passado de forma hereditária, de pai para filho, a terra era um capital de alto valor que definia quem seria proprietário daquele meio de produção. O acesso das mulheres à terra e propriedades não era sequer uma questão, uma vez que aos olhos da sociedade da época, após a tutela do pai a mulher passaria à tutela do marido, transformando-se assim na “esposa do fazendeiro” a quem destinava-se os serviços domésticos e a criação dos filhos. Essa contextualização facilita a compreensão da importância de tratarmos da agricultura com o recorte de gênero.

O empoderamento das mulheres rurais, principalmente nos países em desenvolvimento, é uma questão importante a ser estudada e busca ações que possam transformar a realidade. Essa crença foi reforçada por várias organizações que adotaram campanhas de empoderamento de mulheres rurais para revitalizar economias e paisagens rurais. A



Organização Internacional do Trabalho (2012) sugere que os países poderiam realmente resolver questões de segurança alimentar e pobreza através do empoderamento das mulheres rurais. O Centro Internacional de Pesquisa sobre as Mulheres (*Economic Empowerment*) também enfatiza que o maior envolvimento das mulheres na economia reduz a taxa de pobreza, e que o aumento do acesso aos recursos para as mulheres rurais aumentam a produção agrícola e a segurança alimentar. Esta contribuição é significativa em uma sociedade como a brasileira, que apresenta altos níveis de desigualdade (*International Food Policy Research Institute*, 2015). A insegurança alimentar está intimamente ligada à questões de desigualdade social e em áreas de baixa renda. Por isso, o empoderamento das mulheres não é importante apenas para as mulheres sozinhas, mas para o aprimoramento da sociedade em geral (WALTZ, 2016).

Aproximadamente 80% do trabalho realizado pelas mulheres não é remunerado, em comparação com 28% dos homens. Quando são pagas, as mulheres recebem 56,4% da remuneração recebida pelos homens (MELO; DI SABBATO, 2007).

Dados sobre a presença feminina das mulheres rurais no campo, de acordo com o último Censo Agropecuário no Brasil de 2017, apresentado pela Embrapa através do Observatório das Mulheres Rurais do Brasil:

- Mulheres dirigentes de estabelecimentos rurais: 946.075
- Mulheres em codireção: 817.019
- Total de mulheres dirigentes: 1.763.094
- Mulheres trabalhadoras rurais ocupadas: 4,37 milhões de mulheres
- Total de mulheres no campo: 6,14 milhões de mulheres

Conforme mapa da Figura 1 abaixo, é possível verificar expressiva diferença numérica que há nos números entre mulheres e homens dirigentes de estabelecimentos rurais. O Censo Agropecuário compara os dados de 2006 e 2017 (EMBRAPA, 2023), deixando claro ao longo de 11 anos a segregação por gênero ainda é forte no Brasil, e a equidade ainda caminha a passos lentos, o que causa desdobramentos como a migração de mulheres, que não vendo no campo oportunidades profissionais, vão para as áreas urbanas a fim de melhores chances de crescimento profissional.

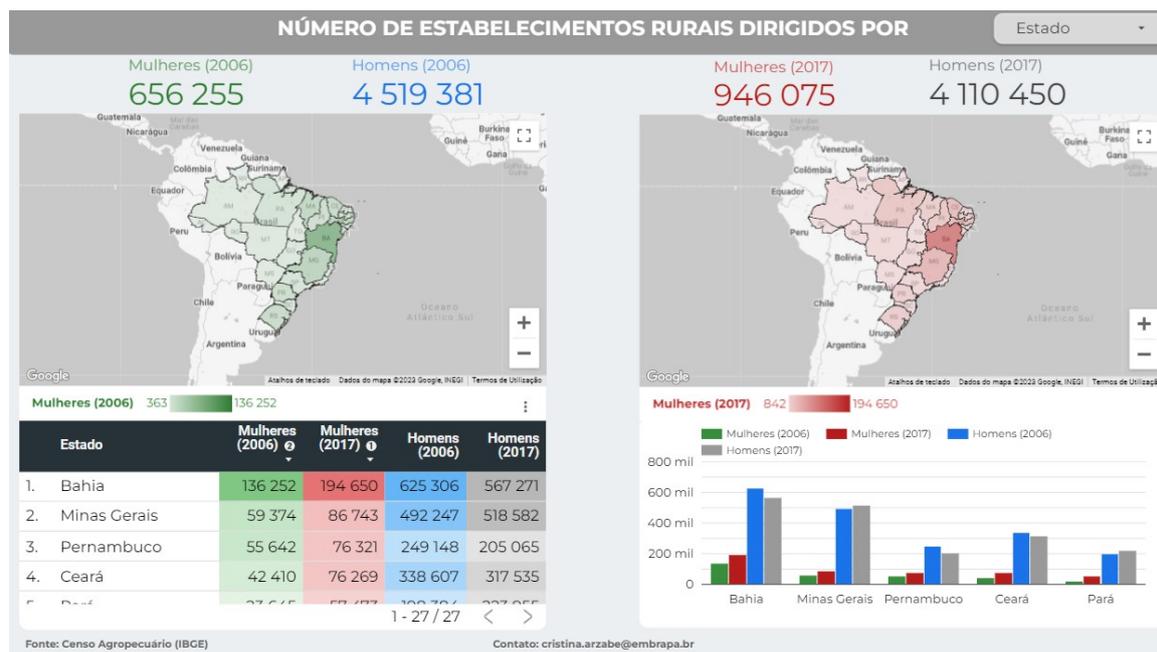


Figura 1: Número de estabelecimentos rurais dirigidos por homens e mulheres no Brasil

Fonte: Observatório das Mulheres Rurais do Brasil com dados do Censo Agropecuário 2006-2017.

2.2 Plataforma: Observatório das Mulheres Rurais no Brasil

Uma parceria da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), criaram em 2022 o Observatório das Mulheres Rurais no Brasil (EMBRAPA, 2023). Uma iniciativa exclusivamente pensada no mundo das mulheres que se dedicam ao agro no Brasil. A iniciativa é a implementação de uma plataforma digital com objetivo de reunir dados, artigos, estudos e conteúdos relevantes do segmento agro nacional.

Segundo a pesquisadora Cristina Arzabe, coordenadora do projeto, um dos principais objetivos é a partir da compilação e reunião de informações relevantes em um único ambiente – capturar e prospectar tendências e identificar futuros possíveis, elaborando cenários que permitam às mulheres do agro se preparar diante de potenciais desafios e oportunidades, conforme já vem sendo feito em outros observatórios temáticos e centros de inteligência do programa Agropensa, da Embrapa.

Através desse esforço conjunto espera-se obter uma visão sistêmica do trabalho desenvolvido pelas mulheres rurais, reunindo informações seguras e confiáveis sendo possível ainda delinear políticas públicas direcionadas assertivamente para esse público.

2.3 Os Produtos Orgânicos e o papel feminino nesse mercado

A constatação de que as mulheres têm mais preocupações ambientais em relação aos homens é um dos resultados mais robustos em determinadas pesquisas, e há pesquisas em andamento tentando entender e teorizar a potencial argumentação e causalidade nas abordagens de gênero e ambiental (UNAY-GAILHARD, 2021).



Há evidências crescentes de que a agroecologia pode e promove essa igualdade, valorizando o conhecimento e a participação das mulheres de uma maneira que desafia os desequilíbrios de poder de gênero, característicos dos sistemas agroalimentares convencionais (BENÍTEZ *et al.*, 2020).

Os artigos de revisão recentes de Glazebrook *et al.* (2020), abrangendo descobertas interdisciplinares, com foco em mulheres agricultoras em países desenvolvidos, fornece uma base sólida sobre a relação entre gênero e questões ambientais no setor agrícola. Em resumo, esses estudos concluem que as mulheres agricultoras mostram maior sensibilidade em relação às atividades ambientais e estão mais envolvidas com a agricultura orgânica, práticas agrícolas sustentáveis e agricultura alternativa em relação aos agricultores (UNAY-GAILHARD, 2021).

Ao longo do tempo a repercussão sobre os métodos e produtos utilizados nas produções agrícolas cresceram expressivamente. Conforme Cerveira e Castro (1999), veículos de comunicação noticiavam que o uso excessivo de agrotóxicos nas produções alimentares desencadeou a contaminação de alimentos, do meio ambiente e de produtores. Isto pode estar associado às transformações ocorridas no mercado de alimentos, provocadas, sobretudo, pela mudança de visão dos consumidores, que antes era pautada apenas em fatores comerciais e econômicos (MOREIRA; MARJOTTA-MAISTRO, 2018).

Segundo Kneafsey *et al.* (2013), um sistema alimentar local consiste numa estrutura em que os alimentos são produzidos, transformados e comercializados dentro de uma área geográfica definida. Sendo assim, é um sistema que floresce visando atender necessidades não atendidas pela produção convencional. Fomentando assim, a expansão da economia local através dos relacionamentos comerciais onde o produtor conhece a cara do seu consumidor e o consumidor sabe quem é a pessoa que produz o alimento que ele coloca na mesa de casa. Laços assim tendem a ser mais éticos e justos, principalmente para atores sociais que buscam alternativas frente às cadeias industriais globais e produtos ultraprocessados, sabidamente danosos à saúde (SOUZA *et al.*, 2020).

Para Figueiredo e Soares (2012) existe uma grande confusão mercadológica intencional e não intencional entre produtos orgânicos e outros produtos, tais como: produto verde, produto agroecológico, produto caipira, produto colonial e outros. Soares e Junqueira (2020) destacam a importância de que o produto orgânico tem normatização oficial do MAPA, enquanto os demais não.

No Brasil, o segmento de orgânicos movimentou R\$ 5,8 bilhões no ano de 2020, valor 30% superior ao de 2019, segundo a Organics – Associação de Promoção da Produção Orgânica e Sustentável. Alguns estudos indicam que os consumidores de produtos orgânicos tendem a ser mulheres, indivíduos com maior nível de instrução, mais velhos e conscientes dos benefícios que este tipo de alimento pode prover para seu corpo e o meio ambiente, e estão dispostos a pagar mais por eles (MARTINS *et al.*, 2020).

No que diz respeito às razões que levam os consumidores a optar pelos produtores orgânicos, são relatados os aspectos de qualidade, segurança do alimento, estilo de vida saudável, preocupações com o meio ambiente, dentre outros (MARTINS *et al.*, 2020).

A presença feminina é marcante não apenas como produtoras do setor orgânico, mas também como consumidores dos produtos. A partir de pesquisa realizada por Soares e Junqueira (2020), a maioria dos consumidores de alimentos orgânicos, frequentadores da CEASA-DF, nos mercados especificados, são de pessoas do gênero feminino, naturais da

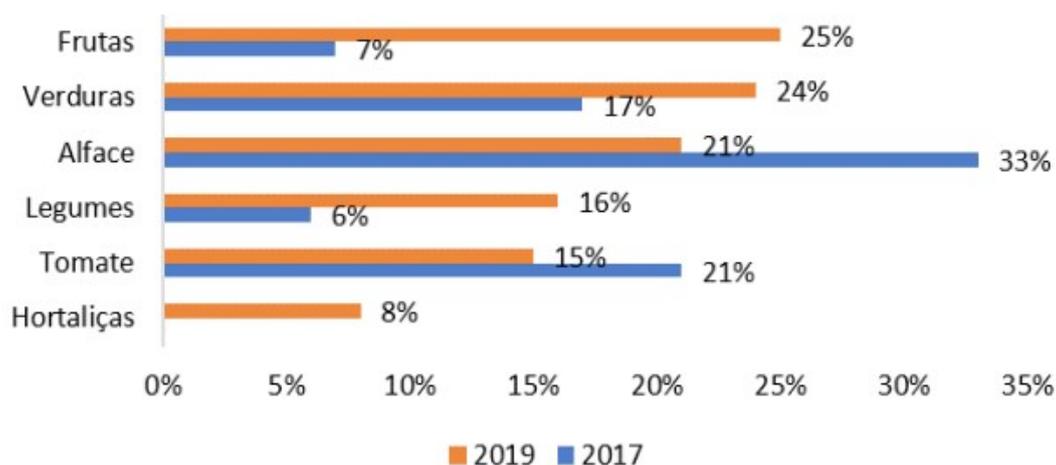


região Sudeste, com faixa etária entre 50 e 60 anos, nível de escolaridade superior e elevada renda familiar. Na pesquisa foi constatada que uma das principais razões para preferir o alimento orgânico está ligada à preocupação com a saúde, informada por 82% dos consumidores. A qualidade nutricional é um dos fatores mais relevantes na motivação para a compra do alimento orgânico, tendo mais de 40% dos entrevistados respondido que consomem o produto há mais de quatro anos e 29% afirmaram sempre consumir.

No gráfico abaixo é possível verificar quais produtos orgânicos foram os mais consumidos no Brasil nos anos de 2017 e 2019, segundo a Organix.

Produtos orgânicos mais consumidos

Espontânea - Entre os que consumiram produtos orgânicos nos últimos 30 dias



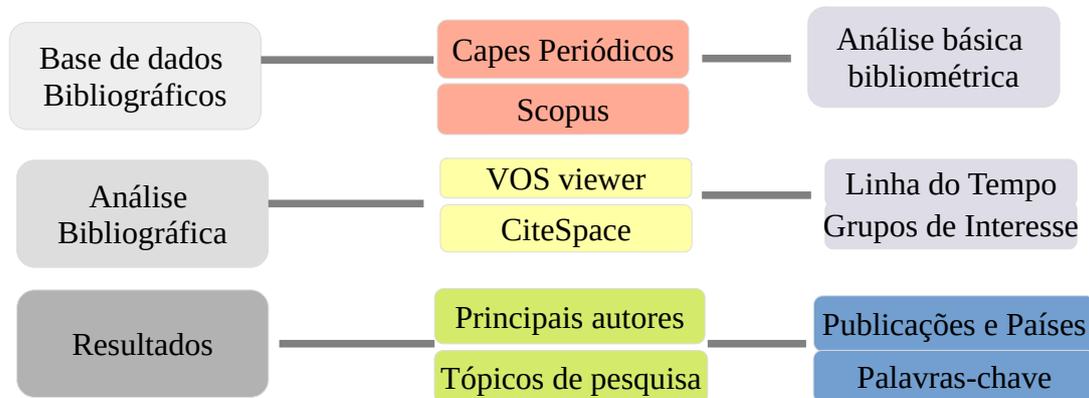
Fonte: Organix (2019)

3. Método e Técnica de Pesquisa

O procedimento metodológico empregado foi a revisão sistemática da literatura, utilizando como fonte de literatura artigos, livros e periódicos publicados, abrangendo 300 artigos no portal de busca Periódicos – Capes. A princípio, com o objetivo de elencar publicações mais citadas a respeito do recorte de gênero na agricultura familiar, foram utilizadas as palavras-chave “agricultura familiar e mulheres”. Em seguida também foi utilizado a base de dados Scopus, internacionalmente utilizada em pesquisas acadêmicas, utilizando palavras-chave e operadores booleanos da seguinte maneira: “family farming” AND women AND pronaf AND “public policy in agriculture”, no período de 2015 a 2022 com intuito de localizar publicações com uma abordagem mais recente e moderna a respeito do tema.



Após busca no Scopus foram gerados os mapas no VOSviewer (*overlay visualization*): *Co-occurrence*, *Co-author*, *Bibliographic coupling* e *Citation*. Além de mapas no software internacional CiteSpace. Segue abaixo, na Figura 2, o organograma para visualização da didática de busca dos dados bibliográficos e seus resultados:



Fonte: própria autora

Figura 2: Organograma para visualização didática de busca dos dados bibliográficos e seus resultados.

Os dois softwares utilizados para a montagem dos mapas oferecem análises complementares, como é possível conferir nas figuras abaixo.

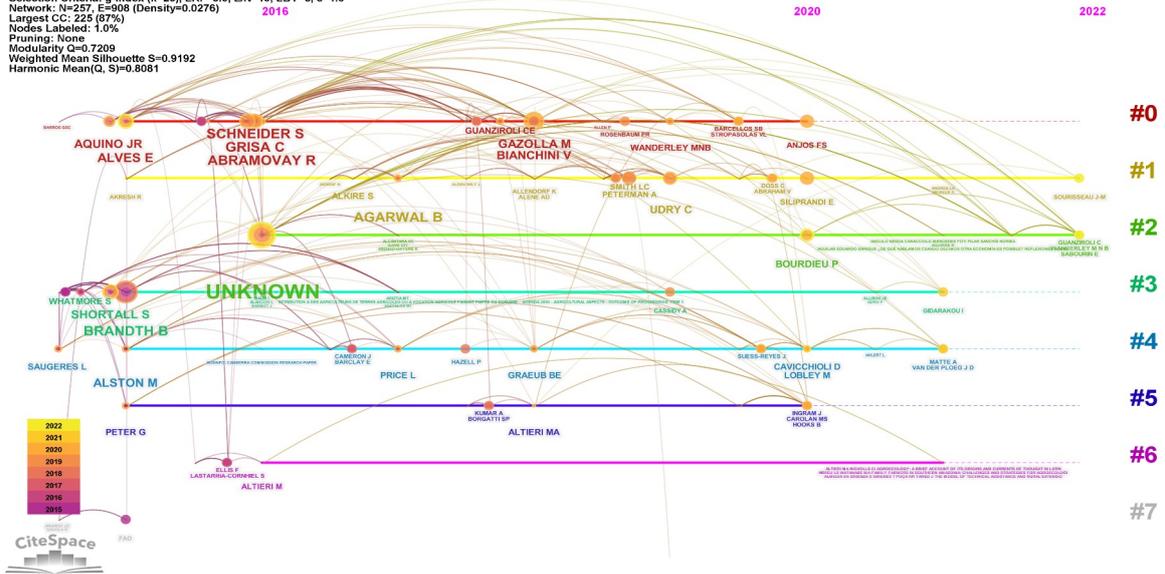
4. Resultados

A coleta de dados nesse artigo tem o intuito de agrupar dados que juntos se transformarão em informações relevantes para a compreensão do atual cenário das mulheres na agricultura familiar, com foco na produção orgânica.

Uma ampla gama de palavras-chaves foram encontradas e que são de fundamental importância para base da pesquisa, Figura 3. Apresentando palavras e expressões como: identidade de gênero, empoderamento de gênero, desenvolvimento rural, mulheres, políticas públicas, agricultura familiar, Pronaf, segurança alimentar.



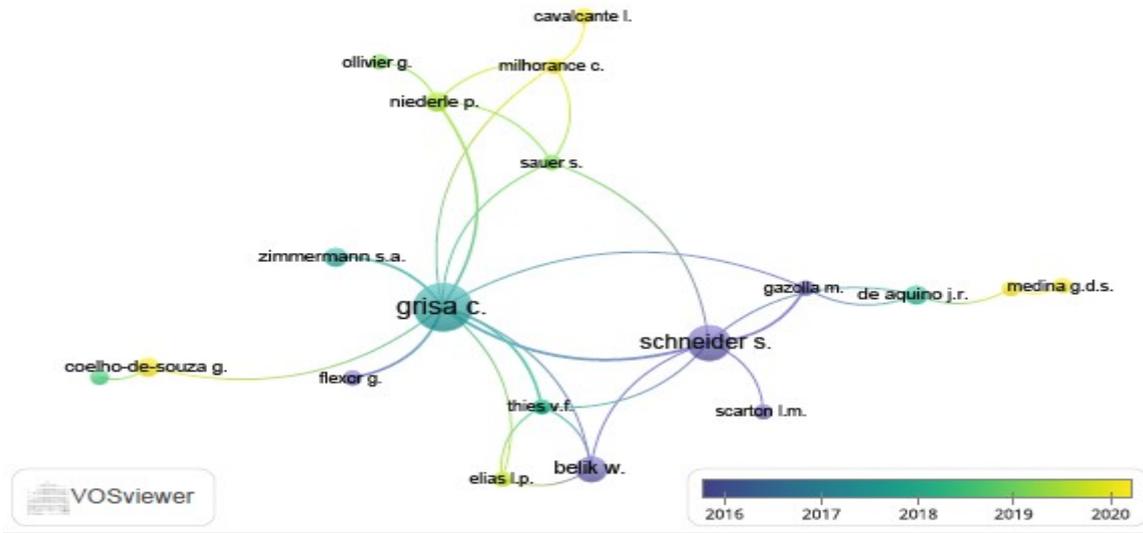
CiteSpace, v. 5.1.R4 (64-bit) Basic
November 21, 2022 at 2:58:01 PM BRT
WoS: C:\Users\LIL\Documents\CITE SPACE 212
Timespan: 2015-2022 (Slice Length=1)
Selection Criteria: g-index (k=25), LRF=3.0, LN=10, LBY=5, e=1.0
Network: N=257, E=908 (Density=0.0276)
Largest CC: 225 (87%)
Nodes Labeled: 1.0%
Pruning: None
Modularity Q=0.7209
Weighted Mean Silhouette S=0.9192
Harmonic Mean(Q, S)=0.8061



Fonte: CiteSpace

Figura 4. Autores citados na linha do tempo

Na figura 5 é exposta a ligação de co-autorias, onde se chega a conclusão que Grisa e Schneider, semelhante ao mapa de autores na linha do tempo, também são protagonistas nesse mapa, tendo trabalhado entre si e também em parceria com diversos autores.



Fonte: VOSviewer

Figura 5. Co-author



Feminist Knowledge Claims, Local Knowledge and Gender Divisions of Agricultural Labor: Constructing a Successor Science	Feldman, S., Welsh, R.	84
Life cycle or patriarchy? Gender divisions in family farming	Whatmore, S.	83
Husband and Wife Perspectives on Farm Household Decision-making Authority and Evidence on Intra-household Accord in Rural Tanzania	Anderson, C.L., Reynolds, T.W., Gugerty, M.K.	80
Who is down on the farm? Social aspects of Australian agriculture in the 21st century	Alston, M.	77
Gendered elements of the alternative agriculture paradigm	Chiappe, M.B., Flora, C.B	74

Fonte: própria autora

Após leitura e fichamento dos artigos citados acima, surgiu a necessidade de realizar mais uma escolha de recorte no tema, especificando o tema da presença feminina na agricultura familiar voltada para produção de orgânicos. Dessa forma, foram realizadas novas buscas no Scopus e também com professores da área, para leitura e fichamento de autores que tratam do recorte de agricultura orgânica.

Com relação ao tema da produção orgânica, segue abaixo na Tabela 2 a seleção dos 10 artigos selecionados.

Tabela 2. Ranking 10 artigos com foco no tema Agricultura orgânica

Artigo/Publicação	Autor	Ano
Reflexões sobre a prática da agricultura orgânica e o desenvolvimento sustentável: estudo de caso	Moura <i>et al.</i>	2023
A produção e o consumo de alimentos orgânicos – contribuições acadêmicas, econômicas e sociais	Petry <i>et al.</i>	2022
Cadeia Produtiva de alimentos orgânicos	Soares <i>et al.</i>	2021
Agricultura orgânica e agronegócio: análise e impactos de tecnologias sustentáveis	Soares <i>et al.</i>	2020
A soberania alimentar que desperta e aprofunda os saberes em direitos por terra,	Tassi, E.M.M; Bezerra, I	2020



por comida de verdade e por igualdade de gênero		
Traçando o perfil das mulheres na agricultura familiar produtora de café orgânico no município de Poço Fundo-MG	Vale <i>et al</i>	2020
Agricultura sustentável: favorecendo ambientes saudáveis e o empoderamento feminino	Vieira <i>et al.</i>	2019
Carga de trabalho em fazendas familiares orgânicas e convencionais na Suíça	Reissing, L.	2015
Empregos verdes e a igualdade de gênero na agricultura orgânica na Inglaterra	Bernardes, J. C.R.O	2013
A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades	Karam, K. F.	2004

Fonte: própria autora

5. Discussão

A partir dos resultados encontrados nas bases de busca, demonstrado nos mapas acima e dos artigos lidos ao longo da pesquisa foi possível identificar autores, palavras-chaves e estudos de relevância para o tema escolhido. Primeiro compreendendo os estudiosos da história, o conceito da agricultura familiar e as questões de gênero como recorte principal, como o tema vem evoluindo nos últimos anos dentro da produção de orgânicos.

Em concordância com Schneider, Gazolla e Aquino (2018) destacamos dos textos fichados para esse artigo que a realidade da agricultura familiar brasileira permanece ao longo dos anos marcada por uma significativa desigualdade socioespacial, fundamentada, entre outros fatores, nos enormes desníveis de renda entre os produtores que habitam as diferentes regiões do Brasil. Além das diferenças por região, o gênero é outra característica que guarda expressiva desigualdade quando analisamos o trabalho rural.

Conforme trazido por Pattnaik e Lahiri-Dutt (2020), um conjunto crescente da literatura reconhece agora a imensa contribuição das mulheres para a agricultura e manutenção das economias rurais. A observação geral é que embora as mulheres rurais contribuam para as atividades agrícolas, pecuárias e domésticas, elas estão em desvantagem em relação aos homens no que diz respeito à carga de trabalho, tempo de trabalho, salários, benefícios tecnológicos, tomada de decisões e, mais importante, direitos de propriedade e da terra.

Para Unay-Gailhard e Bojnec (2021), embora o número de mulheres agricultoras tenha aumentado nos últimos anos, com a parcela de gerentes de fazendas na União Europeia e nos EUA totalizando 30%, a maioria das melhorias foi alcançada com a mudança das abordagens tradicionais de tomada de decisão em empresas da agricultura familiar (CONTZEN; FORNEY, 2017), especialmente nas fazendas geridas por mulheres. Em seus estudos, rotularam essa tendência como “aumento da visibilidade” das mulheres agricultoras em fazendas familiares.



Corroborando com o proposto neste artigo, a respeito do empoderamento feminino no setor agrícola, Unay-Gailhard e Bojnec (2021) avaliam ainda que conforme é sabido da literatura, as mulheres agricultoras estão altamente representadas em novas possibilidades de renda, como orgânicos, marketing direto e agroturismo.

Apesar do exposto acima, Benítez *et al.* (2020), relembra que mesmo que os processos de desenvolvimento e mudança social tenham aumentado o reconhecimento das mulheres de muitas maneiras, os padrões sociais persistem e dentro da agricultura a percepção da agricultura como uma indústria masculina é difícil de quebrar. Apesar de fazer contribuições significativas para o trabalho agrícola, a falta de igualdade social frequentemente resulta em mulheres sendo deixadas de fora da tomada de decisões e do controle sobre os recursos agrícolas, e muitas vezes são excluídas dos esforços de pesquisa e extensão agrícola (KERR, 2017). Essa exclusão demonstra uma inclinação para que as mulheres rurais sejam deixadas a margem nos discursos e resultados políticos e incapazes de terem suas vozes ouvidas de forma mais geral na vida pública.

Para Benítez *et al.* (2020), há evidências crescentes de que a agroecologia promove essa igualdade, valorizando o conhecimento e a participação das mulheres de uma maneira que desafia os desequilíbrios de poder de gênero, característicos dos sistemas agroalimentares convencionais.

Quando se fala sobre as divisões de trabalho, os homens predominaram nas atividades de pesca e aquicultura, exploração florestal, apicultura e sericultura. As mulheres predominaram no cuidado de aves de capoeira e pequenos animais, atividades em que representavam 82% dos trabalhadores, e, em menor grau, na horticultura e na floricultura. As atividades em que as mulheres são maioria são geralmente realizadas no espaço considerado “doméstico” e fazem parte do trabalho na cozinha, jardim e quintal basicamente para a subsistência da família (BRUMER, 2008).

Autoras e autores brasileiros como Benites e Silva (2022), destacaram a invisibilização do trabalho feminino no campo, como uma das maiores dificuldades e entraves à autonomia e ao empoderamento da mulher, o que dialoga diretamente com o que Negretto e Silva (2018) falam sobre a mulher camponesa ser a principal responsável pela produção de alimentos para consumo da família, porém tem a sua jornada de trabalho subestimada, pois o seu trabalho agrícola é considerado como uma extensão do trabalho doméstico, ou simplesmente um auxílio. Mesmo participando do processo produtivo, a mulher não participa do processo de tomada de decisão sobre as atividades do lote.

Conforme destacado anteriormente, são os homens que tem contato com extensionistas, bancos, sindicatos, cooperativas, empresas de venda de insumos e compradores (BRUMER, 2008). Sem esse contato com os *players* o aprendizado feminino fica comprometido, sabotando assim as oportunidades que as mulheres possam almejar em estar a frente nos processos de decisão relacionados a propriedade familiar.

Quando há o uso da terra pelas mulheres, isso aparece como uma extensão do trabalho doméstico, o que parece ter menos importância na composição familiar, especialmente, vinculada à formação da renda e da educação (SILVA; BENITES, 2022). Nestes termos, buscar a autonomia feminina, se não é obter a igualdade entre homens e mulheres, como sugere Moreno (2013), é no mínimo romper com seu o histórico de subordinação. Isso se concretiza, no meio rural, com o poder de decisão sobre os usos dos recursos do campo e seus objetivos, sobre a exploração dos estabelecimentos agropecuários.



Dados sobre a participação de homens e mulheres na agricultura brasileira mostram a masculinização dessa atividade (BRUMER, 2008). As informações disponíveis na literatura, como citada diversas vezes no presente artigo, também demonstram que na agricultura familiar, aos diferentes papéis de homens e mulheres, são atribuídos uma hierarquia em que as mulheres são subalternas. Dessa forma, o baixo valor atribuído ao trabalho feminino (na agricultura ou em atividades não agrícolas), e sua exclusão, legal ou não, da herança da terra, é uma das explicações para a predominância de mulheres jovens entre os emigrantes das áreas rurais.

Com a leitura dos artigos destacados na tabela 1, uma vez que eram os mais citados entre os pares, foi possível examinar historicamente as questões de gênero enraizadas no setor agrícola. A origem da terra e do sistema patriarcal que possui como base o acesso à terra e ao capital através de herança passada de pai para filho, com importante destaque para o gênero da criança, uma vez que os filhos homens eram quem naturalmente herdariam o trabalho do pai, ficando as filhas mulheres destinadas a morar na terra dos futuros maridos.

A mudança mais importante a esse respeito, foi a Emenda de 1974 à Lei de Sucessão às Propriedades Agrícolas que deu o direito de assumir a fazenda para a criança mais velha, independentemente do gênero.

Brandth (2002), segundo autor mais citado na pesquisa realizada no Scopus, conforme tabela 1 do presente artigo, afirma que para a mulher do campo, o lar e o trabalho estão localizados no mesmo lugar, auxiliando a entender, portanto, como o processo patriarcal do trabalho é o principal instrumento de subordinação da mulher e como isto é reforçado pelas ideologias agrárias da condição de esposa.

Para Merlino e Mendonça (2011), a Agroecologia é capaz de ajudar as mulheres a construir maiores níveis de autonomia e empoderamento a partir do conhecimento, possibilitando que elas conquistem, de forma integral, o seu poder, desde que respeitem seus conhecimentos e tenham seus trabalhos valorizados.

Nos últimos tempos, vem se observando que a população está a procura de alimentos saudáveis e livres de produtos químicos. Com vistas em atender tais anseios que a agricultura orgânica se posiciona, para levar comida fresca às mesas e com isso contribuir para a preservação da natureza (PETRY, 2022).

O trabalho feminino na produção de orgânicos demonstra sua relevância, (SOUZA; JUNQUEIRA, 2020) à medida que propõe formas de mitigar os impactos negativos sob o solo, água, biodiversidade e ao melhorar a qualidade dos produtos ofertados aos consumidores, por meio de técnicas de produção, práticas e processos ecológicos (EMBRAPA, 2012).

Karam (2020), através de suas pesquisas, pôde constatar como o papel da mulher foi representativo quanto à conversão do sistema de produção convencional para o orgânico. Pois, no seu estudo, no mínimo 50% das unidades pesquisadas foram as mulheres que assumiram as primeiras responsabilidades da conversão e dos “primeiros riscos”. Além do seu papel no processo decisório da transição para a agricultura orgânica as mulheres são as grandes responsáveis pela “guarda” de muitas das sementes existentes nas hortas domésticas.

Em 2003 o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) criou uma linha de crédito específico, visando fortalecer o papel da mão de obra feminina no campo, sendo um desafio importante para melhorar a qualidade de vida na zona rural. O Pronaf Mulher cujo foco é fornecer crédito para mulheres agricultoras, com base na



apresentação de projetos técnicos ou propostas simplificadas. Outra linha de crédito de grande relevância é o Pronaf Agroecologia, cujo foco é contemplar pessoas físicas que tenham propostas simplificadas ou projetos técnicos. Os recursos devem ser usados para algumas finalidades, como:

- Produção de base agroecológica ou em transição para essa modalidade de cultivo, conforme parâmetros da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA);
- Implantação de sistemas orgânicos de produção, seguindo critérios do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA);
- Implantação e manutenção de empreendimentos de base orgânica ou agroecológica.

6. Considerações Finais

Após a revisão bibliométrica, esse artigo pôde apresentar resultados referentes às pesquisas realizadas no campo da agricultura familiar e o papel das mulheres. A partir do estudo dos artigos e dos dados demográficos acessados através das pesquisas, fica comprovado que tradicionalmente foi relegada à mulher as funções domésticas do trabalho e do cuidado com os filhos, tendo seu trabalho invisibilizado e sem percepção clara de fonte geradora de renda, à medida que quem saía de casa para realizar o comércio dos produtos cultivados era o homem.

O sexismo vivenciado pela mulher do campo é tal que o trabalho desempenhado por elas é, via de regra, enxergado como apoio, auxílio, assistência, sem que seja reconhecido o valor da sua contribuição para o desenvolvimento da propriedade.

Conforme discorre Whatmore (1991), as tarefas executadas pelas mulheres são de tal maneira obscurecidas que o trabalho envolvido parece se realizar a si mesmo, ou simplesmente acontecer.

Após a leitura de diversos estudos sobre a divisão do trabalho por gênero na agricultura familiar no Brasil pôde-se concluir que as mulheres ocupam uma posição de sub-julgamento e seu trabalho aparece principalmente como “apoio” ou “assistência”, mesmo quando trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades dos homens. O resultado é que as mulheres trabalham em jornadas exaustivas ao acumular os serviços domésticos com o serviço diretamente agrícola, mas sem o reconhecimento necessário não é enxergada pela sociedade, e muitas vezes nem por si mesma, como pronta para administrar a propriedade agrícola.

O empoderamento das mulheres rurais nos países em desenvolvimento é uma questão importante a ser estudado e também a promoção de ações práticas. Essa ideia foi reforçada por várias organizações que adotaram campanhas de empoderamento de mulheres rurais para revitalizar economias e paisagens rurais (WALTZ, 2016). A Organização Internacional do Trabalho (2012) sugere que países, como o Brasil, poderiam realmente resolver questões de segurança alimentar e pobreza através do empoderamento das mulheres rurais. O Centro Internacional de Pesquisa sobre as Mulheres (*Economic Empowerment*) também enfatiza que o maior envolvimento das mulheres na economia reduz a taxa de pobreza, e que o aumento do



acesso aos recursos para as mulheres rurais aumenta a produção agrícola e a segurança alimentar.

Esta contribuição é significativa em uma sociedade como a brasileira, que apresenta altos níveis de desigualdade (*International Food Policy Research Institute*, 2015). Por isso, o empoderamento feminino não está estritamente ligado a melhores condições de vida delas apenas, mas para o aprimoramento da sociedade como um todo.

Para Tassi e Bezerra (2020), uma análise sob uma perspectiva feminista, considerando assim uma realidade objetiva, impõe às mulheres uma responsabilidade quase que exclusiva sobre o ato de alimentar. Alinhadas a essa assertiva, é possível inferir que as mulheres assumem o protagonismo do ser/fazer da relação agroecologia, alimentação e nutrição, uma realidade possível.

Sobre essa constatação Esteve (2017), demonstra o papel fundamental das mulheres em materializar tais ações. Segundo a autora, entre 60% e 80% da produção de alimentos nos países do hemisfério sul é realizada por mulheres. No entanto, esses processos não são contabilizados na macroeconomia, por tal motivo, invisibilizados.

Diante das informações e dados apresentados ao longo do artigo, conclui-se que para fortalecer a produção de orgânicos no país e combater a desigualdade de gênero que as mulheres sofrem, deve haver por parte do Estado um reforço nas políticas públicas existentes e além disso promover na sociedade uma conscientização tanto dos benefícios do produto orgânico para quem se alimenta dele, quanto para o meio ambiente e para a sociedade que ganha em índices de desenvolvimento humano ao promover igualdade de gênero e consciência ambiental na população. Cita-se como exemplo, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), que traz em uma das suas sete diretrizes a intenção de contribuir para redução das desigualdades de gênero, por meio de ações e programas que promovem a autonomia econômica das mulheres (BRASIL, 2012)

Sendo o Brasil um país que sofre há anos com a insegurança alimentar e nutricional, o incentivo de mulheres produtoras na agricultura familiar produzindo alimentos de qualidade nutricional com menor impacto ambiental possível, poderia contribuir para a erradicação da fome no país.

7. Referências

BENÍTEZ, B. *et al.* **Empowering women and building sustainable food systems: A case study of Cuba's local agricultural innovation project.** *frontiers in sustainable food systems*, 4, 2020. <https://doi.org/10.3389/fsufs.2020.554414>

BERNARDES-DE-SOUZA, D. **Capacidades dinâmicas de conhecimento e inovação na agricultura: evidências a partir de unidades de produção de alimentos orgânicos na região metropolitana de Porto Alegre – RS/BRASIL**, 2017. 140 f. Tese (Doutorado em Agronegócios) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BRANDTH, B. **Identidade de gênero na agricultura familiar europeia: uma revisão de literatura.** *Sociologia ruralis*, v.42, n.3, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2003. Seção 1, p. 8.

BRASIL. **Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 ago. 2012.



- BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Portaria no 52, de 23 de março de 2021. Estabelece o Regulamento Técnico para os Sistemas Orgânicos de Produção.** Diário Oficial da União, Brasília, DF.
- BRUMER, A. **Gender relations in family-farm. Latin american perspectives**, 35(6), 2008.
- CERVEIRA, R; CASTRO, M. C. **Consumidores de Produtos Orgânicos da cidade de São Paulo: características de um padrão de consumo.** *Informações Econômicas*, SP, v.29, n.12, dez. 1999.
- CINTRA, J. P. **Reconstruindo o mapa das capitânicas hereditárias.** *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 21(An. mus. Paul., 2013 21(2)), 11–45, 2013.
<https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000200002>
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Evolução das aquisições de produtos orgânicos do PAA, de 2015 a 2022**, 2023. Disponível em <www.conab.gov.br>. Acesso em: 23 já. 2023.
- CONTZEN, S; FORNEY, J. **Agricultura familiar e divisão de gênero do trabalho em movimento: uma tipologia de configurações agricultura-família.** *Agriculture Human Values* 34, 27–40, 2017. <https://doi.org/10.1007/s10460-016-9687-2>
- DI SABBATO, A. *et al.* **Os afazeres domésticos contam.** *Economia e Sociedade, Campinas*, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, 2007.
- EMBRAPA. **Observatório das Mulheres Rurais no Brasil.** Disponível em: <https://www.embrapa.br/observatorio-das-mulheres-rurais-do-brasil/dados>. Brasília, DF. Acesso em 10 mar 2023.
- EMBRAPA. **Portfólio de projetos em sistemas de produção de base ecológica**, 2012. Disponível em:<www.cpac.embrapa.br>. Acesso em: 23 jan.2023.
- ESTEVE, E. V. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** São Paulo: Expressão Popular. (2017)
- FAO/INCRA, (2000). **Projeto de Cooperação técnica INCRA/FAO. Novo retrato da agricultura familiar. O Brasil redescoberto**, Brasília.
- FARIA, N. **Economia Feminista e agenda de luta das mulheres no Brasil.** In: *Estatísticas Rurais e a Economia Feminista*. MDA, Brasília, 2009.
- FIGUEIREDO, E. A. P.; SOARES, J. P. G. **Sistemas orgânicos de produção animal: dimensões técnicas e econômicas.** In: 49a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, Brasília, Anais [...]. Brasília, 2012.
- GLAZEBROOK, T.; NOLL, S.; OPOKU, E. **Gender matters: climate change, gender bias, and women’s farming in the global south and north.** *Agriculture*, 2020
- GRISA, C. *et al.* **Transferência e tradução de políticas públicas do Brasil para a Colômbia: o caso das compras públicas da agricultura familiar.** UFRGS, 2020.
- IBGE. **Censo Agropecuário: resultados preliminares.** Rio de Janeiro, 2017.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Texto para discussão: produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil.** Orgs. Lima, S.K.; Galiza, M.; Valadares, A.; Alves, F. Brasília: fev.2020.
- INTERNATIONAL FOOD POLICY RESEARCH INSTITUTE, 2015. **2015 Nutriion country profile: Brazil.**
<http://ebrary.ifpri.org/utils/getfile/collection/p15738coll2/id/129817/filename/130028.pdf>



- INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2012. **Empower the rural woman and eliminate poverty and hunger.** <http://www.oit.org.br/sites/>.
- KERR, R. B. **Gender and agrarian inequities.** Academic Press: Elsevier, 2017. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-802070-8.00010-4>.
- LOPES, A. L.; BUTTO, A. orgs. **Mulheres na reforma agrária. A experiência recente no Brasil,** 2008 http://www.nead.org.br/portal/nead/arquivos/view/textos-digitais/Não_Categorizado/arquivo_359.pdf
- KARAM, K. F. **A Mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. Estudos feministas,** Florianópolis, 12, 2004.
- KNEAFSEY, M. *et al.* **Short food supply chains and local food systems in the UE. A state of play of their socio-economic characteristics. JRC scientific and policy reports.** União Europeia. 2013.
- MARTINS, A. P. O. *et al.* **Consumer behavior of organic and functional foods in Brazil. Food Science and Technology,** Campinas, 40(2), 2020.
- MERLINO, T; MENDONÇA, M. L. (Org.) **Direitos Humanos no Brasil 2011: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.** São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2011. Disponível em: Acessado em: 20 mar 2019.
- MOREIRA, D. T.; MARJOTTA-MAISTRO, M. C. **Produção orgânica: potencialidades do segmento no estado de São Paulo.** Anais do VI Congresso Latino Americano de Agroecologia, v. 13, n 1, 2018.
- MORENO, R. **Além do que se vê: uma leitura das contribuições do feminismo para a economia.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do ABC. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013.
- allegretto, C. SILVA, M. A. **Problematizando o trabalho invisível das mulheres e a divisão sexual do trabalho no campo: uma parceria entre educação popular e feminismo. The Brazilian Scientific Journal of Rural Education,** 2018. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1184>.
- O. I. T. Organização Internacional do Trabalho. **Organização Internacional do Trabalho capacita a mulher rural e elimina a pobreza e a fome,** 2012. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/---emp_policy/documents/publication/wcms_214960.pdf. Acessado em: 23 jan. 2023.
- ORGANIS (ASSOCIAÇÃO PARA PROMOÇÃO DE ORGÂNICOS). **Enquete sobre o consumo de produtos orgânicos.** Curitiba, 2020. Disponível em <http://www.organis.org.br>.
- PATTNAIK, I; LAHIRI-DUTT, K. **What determines women's agricultural participation? A comparative study of landholding households in rural India. Journal of Rural Studie,** 2020. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0743016718305631>
- PETRY, C. A.; CORDEIRO, J. A. **Produção e o consumo de alimentos orgânicos - Contribuições acadêmicas, econômicas e sociais.** Extensão em foco, [S.l.], n. 27, ago. 2022. ISSN 2358-7180. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/80424>>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- SA VAREJO. **Segmento de orgânicos movimentou R\$ 5,8 bilhões em 2020.** Disponível em :www.savarejo.com.br.
- SANTOS, S. C. L; SOUSA, B. J.; MIGUEL, B. V. **Alimentos orgânicos no Brasil: uma revisão de literatura.** Instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil, 2014.



- SILVA, L. X. da; BENITES, M. E. R. **Autonomia feminina no campo.** DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate, 12(ed.esp.Dossie), 2022. <https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.dossie.3920>
- SOARES, J. P. G.; JUNQUEIRA, A. M. R.; SALES, P. C. M.; SOUSA, R.R.L. (2021a). **Cadeia produtiva de alimentos orgânicos.** In: Gabriel da Silva Medina; José Elenilson Cruz. (Org.). Estudos em agronegócio - participação brasileira nas cadeias produtivas. 1ed.Goiânia: Kelps, 2021a, v. 5, p. 279-308.
- SOARES, J. P. G.; JUNQUEIRA, A. M. R.; CAMPOS, M. B. N.; PORTO, B. H. C. **Agricultura orgânica e agronegócio: análise e impactos de tecnologias sustentáveis.** In: Guarnieri, P.; Guimarães, M. C. Thomé, K. M. (Org.). Agronegócios: perspectivas. 1ed.Brasília: UnB, 2020, v. 5, p. 108-149.
- SOUZA, A. B.; FORNAZIER, A.; DELGROSSI, M. E. **Local food systems: potential for new market connections for family farming.** *Ambiente & Sociedade*, v. 23, p. 1-20, 2020.
- SPANION, P. **Cenário Internacional de produção orgânica, mercado e certificações.** In: SPINOSA, W.; ROCHA, T. S.; UAMASHITA, G. B. Cadeia produtiva de alimentos e produtos orgânicos. Londrina: UEL, 2018.
- TASSI, E. M. M.; BEZERRA, I. **A soberania alimentar que desperta e aprofunda os saberes em direitos por terra, por comida de verdade e por igualdade de gênero.** *Revista Em Extensão*, Uberlândia, MG, p. 42-52, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/54371>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- UNAY-GAILHARD, Í.; Bojnec, Š. **Gender and the environmental concerns of young farmers: Do young women farmers make a difference on family farms?** *Journal of Rural Studies*, 88, 2021.
- WALTZ, A. **The women who feed us: Gender empowerment (or lack thereof) in rural Southern Brazil.** *Journal of Rural Studies*, 47, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.07.009>.
- WHATMORE, S. **Life cycle or patriarchy? Gender divisions in family farming.** *Journal of Rural Studies*, 7(1-2), 1991. [https://doi.org/10.1016/0743-0167\(91\)90043-R](https://doi.org/10.1016/0743-0167(91)90043-R)
- WILLER, H.; TRÁVNICEK, C. M.; SCHLATTER (Eds.). **The world of organic agriculture. Statistics and emerging trends 2021.** Research Institute of Organic Agriculture FiBL, Frick and IFOAN – Organics International, Bonn (Alemanha), 2021.